

MAPAS: UMA FERRAMENTA SUBESTIMADA NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Rafaela Vieira Naiwerth

Naiwerthrafaela@gmail.com¹

Jaqueline de Paula Sabino

jakelinee222015@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância da utilização de mapas nas aulas de geografia e também apontar as deficiências decorrentes do não uso dessa ferramenta, este artigo baseia-se em um projeto que teve como resultado a elaboração de uma oficina aplicada no 3º ano do curso de geografia na Universidade Estadual de Londrina, com objetivo de contribuir para a formação de professores, por meio da utilização dos mapas em sala de aula como uma ferramenta que auxilia e proporciona ao professor a didática e ao aluno a aprendizagem. Esta oficina teve como base a vivência de estágio de observação em três colégios sendo dois deles localizados no centro da cidade de Londrina-PR e outro na região sudeste da cidade de Cambé-PR.

Palavra-chave: mapas, ensino, aprendizagem.

Introdução

Estudar geografia exige o mínimo de compreensão de espacialidade, e um bom professor de geografia por sua vez deve proporcionar este entendimento aos seus alunos de modo que um aluno de ensino fundamental II saiba apontar os continentes, o país onde vive, e os estados que o compõem, pelo menos é isso que se espera, e não há uma ferramenta melhor que o mapa para esta finalidade.

Apesar de considerado ultrapassado por muitas pessoas diante da tecnologia que vem proporcionando facilidades em apenas um clique, seja no *smartfone* seja no GPS (*Global Positioning System*, em português, Sistema de Posicionamento Global), essa facilidade produz

¹ Discente do curso de Geografia (Licenciatura), na UEL – Universidade Estadual de Londrina.



uma falsa impressão de que não é necessário aprender, o que acaba gerando um certo conformismo por parte do aluno.

É preciso considerar que ainda hoje existe uma boa parcela da sociedade que não possui acesso à internet, não se trata de desmerecimento em relação as novas ferramentas presentes no dia-a-dia, na verdade elas são muito uteis, porém, para compreendê-las é preciso ter uma base, ou seja, um conhecimento prévio sobre os elementos que a compõem, e é aqui que o professor entra em cena.

Ouvir o professor falar sobre espacialidades, territorialidade, entre outros conceitos geográficos significa que ele está ensinando, mas isso não é o suficiente, é preciso fazer com que o aluno consiga associar essas falas a realidade e ao seu cotidiano, o aprendizado se dá a partir do momento em que o aluno consegue fazer associações entre o que ele ouve e o que ele vê.

O professor de geografia pode utilizar o mapa em todas as suas aulas, ao ensinar sobre conceitos, como: território, paisagem, lugar, entre outros. Estes temas que podem ser explicados a partir de mapas, assim como falar de culturas, biomas, e infraestrutura também são temas que podem ser explicados a partir de mapas, em fim o professor de geografia deve utilizar os mapas como uma base para o ensino de qualquer conteúdo proposto em sala, criando assim uma familiaridade entre o aluno e os mapas.

Referencial Teórico

Os estudos de geografia durante muito tempo estiveram voltados apenas para a descrição das formas da terra, devido à necessidade que se tinha em conhecer toda essa extensão territorial, porém, com a evolução da humanidade os estudos também evoluíram.

Hoje o estudo da geografia se preocupa em compreender os fenômenos e como eles se relacionam entre si e com a humanidade, mas compreender essas relações exige um conhecimento prévio de alguns conceitos básicos. Também chamados de conceitos geográficos, são eles que auxiliam o professor nas explicações.

Compreendemos o espaço geográfico como sendo o palco onde ocorrem constantes transformações e interações entre os elementos naturais e culturais, o espaço geográfico não existe sem que haja uma produção humana sobre o meio natural, sem as relações sociais.

O conceito de espaço é central e compreendido como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e manifestam-se através de processos e funções. (SAQUET e SILVA, 2008, p. 07).

O território é uma delimitação do espaço que está relacionado com relações de poder e de posse, ou seja, uma divisão de determinadas porções através de fronteiras estabelecidas não por um marco físico, mas por uma delimitação de respeito entre os indivíduos de ambos os lados.

O território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo. No entanto, a delimitação pode não ocorrer de maneira precisa, pode ser irregular e mudar historicamente, bem como acontecer uma diversificação das relações sociais num jogo de poder cada vez mais complexo. (SAQUET e SILVA, 2008, p. 09).

O lugar está relacionado com a cultura, o cotidiano do sujeito, desta forma ele ganha um sentido muito amplo, dependendo de onde o sujeito está localizado, por exemplo seu lugar pode ser seu bairro, seu município, seu país, etc.

De acordo com TUAN (2015, p. 12), “os lugares são centros aos quais atribuímos valor”, pois o lugar é a identidade do ser no espaço, ainda segundo TUAN (2015, p. 12), “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

Espaço e lugar se relacionam, segundo Carlos (2007), o espaço é produzido no lugar, nas diversas relações entre sociedade e natureza.



A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno (CARLOS, 2007, p. 20).

Compreender estes conceitos não é muito fácil, demanda certo esforço e empenho por parte do professor, e se tratando das bases da geografia eles não devem passar batido durante as aulas. É através deles que o aluno conseguirá fazer as associações necessárias para compreensão dos diferentes espaços, e essas explicações se tornam mais compreensíveis quando o aluno pode visualizar o que o professor está ensinando e, é aí que o mapa entra em cena.

Procedimentos metodológicos

Na sala estavam presentes nove colegas, que foram divididos em três grupos, para que realizassem a atividade abaixo:

ATIVIDADE: Três perspectivas do uso ou não uso dos mapas em sala de aula.

A atividade foi aplicada ao 3º ano de Licenciatura em Geografia noturno, da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

A sala foi dividida em três grupos, cada grupo trabalhou sob uma das três realidades encontradas nos colégios de ensino básico:

- Professores que não utilizam mapas (porque o colégio não possui ou apenas não utilizam);
- Professores que utilizam mapas inadequados, sem os elementos básicos, ou informações muito ultrapassadas (porque é o que o colégio tem disponível);
- Professores que utilizam mapas atuais e adequados.

Foram distribuídos textos sobre a Cordilheira do Himalaia, e a partir deste texto foi levantada uma discussão, sobre as consequências que cada uma das três perspectivas causa no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do ensino básico.

Todos os grupos receberam o seguinte texto:

Cordilheira do Himalaia

Com 2500 quilômetros em total, a grande cordilheira do Himalaia está localizada no sul da Ásia, passando pelos países de Índia, Nepal, China (Tibete), Butão, e Paquistão.

A Cordilheira do Himalaia é a que possui as montanhas mais altas do mundo. O Monte Everest, ponto mais alto do planeta, possui 8.848 metros de altitude (acima do nível do mar).

Em função de seu tamanho e características do relevo, o Himalaia influencia o clima de grande parte da região central da Ásia.

Apesar de ser as mais altas da Terra, as montanhas do Himalaia estão entre as mais jovens – nasceram faz “só” uns 50 milhões de anos, com a colisão da placa tectônica do subcontinente indiano com a do resto do continente da Eurásia.

Grupo 1: Sem o auxílio de mapas.

Foi pedido ao grupo que, apenas, com a leitura do texto fizessem um desenho da Cordilheira do Himalaia. Com a finalidade de perceberem o quanto é difícil para um aluno compreender a espacialidade, sem que possa ver e analisar um mapa.

Figura 1: processo de realização da atividade pelo grupo 1.



Fonte: NAIWERTH, 2018.

Grupo 2: Auxílio de mapas, porém inadequados.

A este grupo foi designado que delimitassem a Cordilheira do Himalaia, na Figura 2, e que fizessem um pequeno texto falando sobre o tema, a partir do texto e dos mapas.

Figura 2 e 3: Imagens da Cordilheira do Himalaia



Fonte: figura 2 – Meu mundo geográfico/ figura 3 - Substância e Aparência.

Os dois mapas são considerados inadequados, pois, o primeiro, na realidade é apenas uma imagem, não apresentando qualquer elemento de um mapa (título, legenda, entre outros), assim também se apresenta o segundo.

Em muitos colégios os mapas já estão muito ultrapassados, ou mesmo não apresentam os elementos necessários, o que acaba dificultando a aprendizagem dos alunos.

Figura 4: processo de realização da atividade pelo grupo 2.

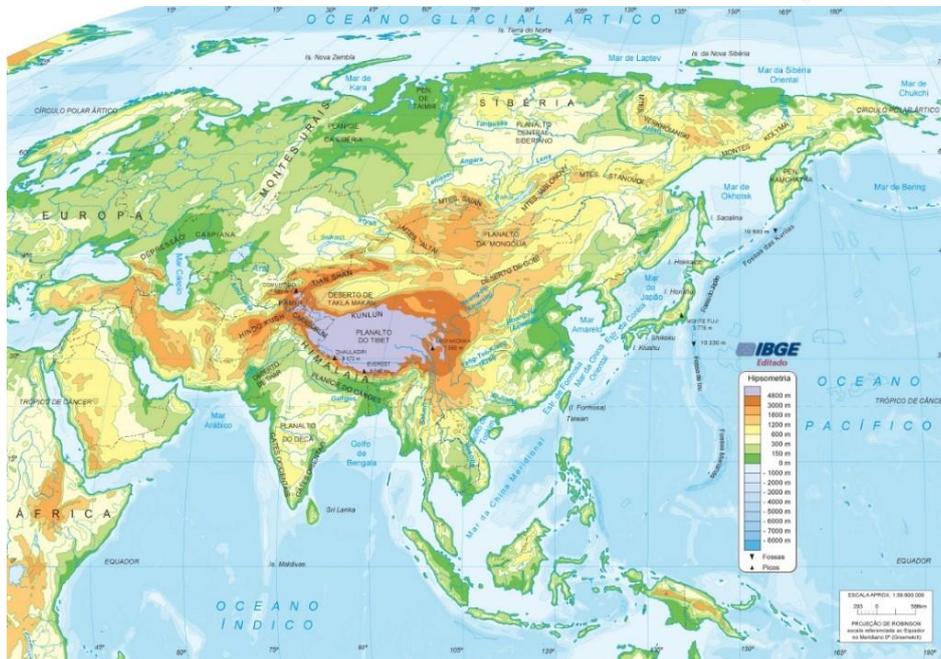


Fonte: NAIWERTH, 2018.

Grupo 3: Auxílio de mapas adequados.

Ao grupo foi pedido que, a partir dos mapas e do texto que receberam elaborassem um novo texto sobre a Cordilheira do Himalaia, visto que de todos os grupos, foram os que receberam as ferramentas mais adequadas, tendo assim, mais informações que os demais.

Figura 5: Mapa topográfico da Ásia.



Fonte: Guia Geográfico.

Figura 6: Mapa rodoviário do Nepal.



Fonte: João Leitão Viagens.

Os mapas entregues ao grupo eram adequados, com os elementos básicos, ao menos, facilitando a compreensão e a análise por parte dos alunos. Sendo os mapas que deveriam ser utilizados durante as aulas.

O segundo mapa apresentado ao grupo, Figura 6, não é um mapa específico da Cordilheira do Himalaia, mas sim de um país onde se encontra parte dela, algumas vezes os professores não utilizam mapas específicos, porém, se o mapa estiver correto também auxilia o aprendizado dos alunos.

Figura 7: processo de realização da atividade pelo grupo 3.



Fonte: NAIWERTH, 2018.

Resultados

A oficina foi elaborada com o objetivo de sensibilizar os colegas que dela participaram, em relação a esse problema, que ocorre já há algum tempo. Durante a apresentação do tema e motivos da oficina, percebeu-se que vários passaram por esse problema durante o ensino básico.

O déficit no uso de mapas não prejudica apenas os indivíduos durante a fase escolar, eles acarretam consequências para uma vida toda, ao passo que, algumas pessoas não conseguem identificar sua localidade em um mapa, não reconhecendo, nem ao menos, seu país ou município.

A partir dos mapas os alunos passam a conhecer o espaço geográfico como um todo, e também suas particularidades, coisas que, muito provavelmente, conhecerão apenas por meio da geografia, por serem realidades muito distantes.

Ainda assim, conhecendo amplamente o espaço geográfico, é por meio da geografia também, que o indivíduo reconhecerá o seu espaço e a importância dele local e globalmente, e reconhecendo seu espaço o aluno torna-se um cidadão consciente de seu papel na sociedade.

Desta forma, é muito importante que o profissional professor de geografia, em sua formação compreenda a necessidade do uso de mapas nas aulas, não apenas para que o aluno decore localizações, mas para que ele compreenda sua própria importância na constituição do espaço geográfico.

Ao se colocarem no lugar do aluno do ensino básico, cada um percebeu como estes são lesados no processo de ensino e aprendizagem, caso não ocorra a utilização dos mapas ou quando estes não são adequados, enquanto os que aprendem com o mapa tem muito mais facilidade de compreensão da espacialidade e do conteúdo aprendido ensinado.

O uso de mapas se tornou algo que muitos professores, da Geografia Crítica consideravam conservador, pois acreditavam que servia apenas para decorar, e por isso foram deixando de utilizá-lo. Entretanto o uso dessa ferramenta vai muito além disso, ao utilizar os mapas no ensino os alunos conseguem se localizar espacialmente, tornando a aprendizagem muito mais eficaz.



Além de alguns professores não utilizarem os mapas, ocorre outro problema nos colégios públicos, visto que é o governo que deve disponibilizar essa e muitas outras ferramentas, e mesmo que aleguem disponibilizar os materiais igualmente, isso não ocorre. Em muitas escolas o mapa demora a chegar, e quando chegam já estão muito defasados.

Compreende-se, desta forma, que o mapa pode fazer toda a diferença no processo de ensino e aprendizagem, entretanto, em alguns colégios, utilizar essa ferramenta acaba por ficar apenas em responsabilidade do professor de levá-los, pois estes não estão disponíveis na escola. Enquanto em outros o professor tem todo o material disponibilizado.

Considerações finais

A partir da vivência de estágio, da elaboração do projeto e da oficina aplicada em sala, o que fica muito claro é que a utilização dos mapas vem sendo subestimada por muitos professores, o que resulta em alunos com uma compreensão limitada de espacialidades, e isso interfere diretamente no desenvolvimento intelectual dos mesmos, isso tem refletido nas atividades elaboradas a partir de mapas nas quais muitos alunos não sabiam apontar continentes, países e oceanos no planisfério.

Não quer dizer que ele não tenha estudado o conteúdo, indica que não houve uma assimilação entre o conteúdo e a realidade, porém, essa dificuldade não foi observada apenas pelo fato da não utilização de mapas, mas também na falta de informação de alguns deles que não apresentavam os elementos essenciais para a sua interpretação como: título, orientação escala e legenda.

Sabe-se que muitas vezes a escola não possui recursos para oferecer aos alunos materiais de melhor qualidade, entretanto também é preciso levar em consideração aquelas que possuem recursos e materiais, mas não possuem disposição por parte do professor, e são esses professores que acabam limitando o aprendizado dos alunos.

Portanto o uso dessa ferramenta não deve ser banalizado, e os professores precisam se conscientizar de que seu papel é ensinar e, que para ensinar não basta uma leitura de texto ou uma olhada no mapa, é preciso unir ambos e instigar o aluno a estabelecer relações a partir daí, para que o conhecimento de fato aconteça evitando assim meras reproduções.

Salienta-se que, para o estudo do espaço geográfico, seja ele como um todo ou suas partes, o mapa se faz muito importante, entretanto, não mais para que se decore localizações nele, como na Geografia Tradicional, mas para que o aluno possa compreender suas transformações e suas relações.

E ao realizar a leitura do mapa, os indivíduos conseguem compreender qual o seu espaço e como o seu espaço se relaciona com os demais, qual a importância desse espaço na rede global, as relações entre territórios, conflitos, entre várias outras questões, com um mapa em mãos torna-se mais fácil aprender e compreender de fato.

Por fim, ressalta-se, novamente, que um mapa pode fazer diferença na vida e no aprendizado dos alunos, isso pode ser comprovado por meio da aplicação da oficina, e também com base nos relatos dos alunos que afirmam se sentirem desfavorecidos atualmente na vida acadêmica por conta da deficiência de mapas no ensino fundamental e médio.

Referências bibliográficas

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec, 1996.
- CONTERNO, Lucy. **A Importância dos Mapas Enquanto Instrumento Pedagógico nas Aulas de Geografia**. Medianeira: UTFPR, 2014.
- GERON, Gabriela; FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **O Mapa como Recurso Didático Mediador no Ensino do Espaço Geográfico**. Francisco Beltrão: UIOESTE, 2016.
- SANTOS, Flávio dos; FECHINE, José Alegn Roberto Leite. **A cartografia escolar e sua importância para o ensino de Geografia**. Caderno de Geografia, v.27, n.50, 2017.
- SANTOS, Williams Silva dos. **A Utilização de Mapas como Recurso Didático no Ensino Fundamental II no Instituto Educacional Profª Maria dos Anjos**. João Pessoa: UFPB, 2016.
- SAQUET, Marco AurElío; SILVA, Sueli Santos da. **MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território**. Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, p. 24-42, 2008.



14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia
Políticas, Linguagens e Trajetórias
Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar (livro eletrônico): a perspectiva da experiência.** Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.